

## TOXICÔMANOS DO DIGITAL: NAS FRONTEIRAS DE UM DISCURSO DE ALERTA

### *JUNKIES SELFIES: BORDER OF A SPEECH ALERT*

Francisco Vieira da Silva  
Mestre em Letras  
Universidade Federal da Paraíba  
(franciscovieirariacho@hotmail.com)

Ananias Agostinho da Silva  
Mestre em Letras  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
(ananiasgpet@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O presente artigo analisa discursos midiáticos em torno das **fotografias selfies e digitais**, atentando para o funcionamento desses discursos, para a posição sujeito e os efeitos de sentido provenientes desse olhar sobre a *selfie* e sobre o sujeito que se fotografa. O *corpus* de análise é composto por uma reportagem veiculada pela *internet*, uma tira e uma postagem de rede social, que também circularam no ambiente digital. A análise será fundamentada nos postulados teóricos de Michel Foucault e nas inflexões deste na Análise do Discurso francesa. Os resultados sugerem a irrupção dos discursos sobre a *selfie* e outras fotografias digitais como uma resposta a uma urgência histórica, incrustada nas elucubrações acerca da relação, nem sempre saudável, do sujeito com a tecnologia digital.

**Palavras-chave:** *Selfie*; Sujeito; Discurso.

**ABSTRACT:** This article analyzes media discourse around selfies photos, paying attention to the functioning of these discourses, the subject position, and the effects of meaning from that look at selfie and the individual shooting. The analysis corpus consists of a report conveyed by the internet, a strip, and a post of a social network, which also circulated in the digital environment. The analysis will be based on the theoretical postulates of Michel Foucault and the inflections of this in the French Discourse Analysis. The results suggest the eruption of discourses on selfie as a response to a historical urgency, inlaid in the reflections about the relationship, not always healthy, the subject with digital technology.

**Keywords:** Selfie; Subject; Discourse.

Recientemente la fotografía se ha transformado en una diversión casi tan cultivada como el sexo y el baile, lo cual significa que la fotografía, como toda forma artística de masas, no es cultivada como tal por la mayoría. Es sobre todo un rito social, una protección contra la ansiedad y un instrumento de poder (SONTAG, 2006, p.22).

Selfie é uma nova maneira de expressão. Doses excessivas, contudo, podem ser nocivas a seus praticantes (Larren Rose, em depoimento à revista Veja).

## Introdução

Que mal pode estar alojado no simples e descompromissado ato de fotografar-se? Que perigo ronda a exposição desenfreada de fotografias digitais na *web*? Que risco a técnica da fotografia *selfie* nos reserva, numa cultura do exibicionismo? Essas e outras indagações perpassam uma série de discursos que circulam na mídia, responsáveis por alertar o público acerca dos riscos advindos da ânsia extrema em ser visto, principalmente no âmbito do ciberespaço, e das consequências que esta exposição pode acarretar. Nesse sentido, num trabalho anterior, ao analisarmos os discursos veiculados em revistas de circulação nacional, como *Veja*, *Istoé* e *Época*, verificamos uma miríade de estratégias discursivas utilizadas pelo sujeito que enuncia, com vistas a compactuar com uma posição sujeito que não apenas informa, ação corrente na prática discursiva jornalística, como também agencia determinados sentidos, no intuito de orientar o leitor a se precaver em relação aos perigos da *web* (SILVA & BARBOSA, 2014).

Neste texto, gostaríamos de, em certa medida, darmos continuidade às constatações elucidadas nesta investigação anterior, pois as consideramos como pontos de partida, mas, ao mesmo tempo, especificaremos nosso olhar, de modo a analisar os discursos midiáticos em torno das *selfies* e outras fotografias digitais. Julgamos de interesse perscrutar o funcionamento desses discursos, atentando para a posição sujeito e os efeitos de sentido provenientes desse olhar sobre a *selfie* e sobre o sujeito que se fotografa.

Isso posto, selecionamos como materialidades para análise uma reportagem veiculada pela *internet*, uma tira e uma postagem de rede social, que também circularam no ambiente digital. Tais textos se encadeiam, como um nó em uma rede (FOUCAULT, 2010), a outros dizeres sobre a *selfie* que sinalizam para o entroncamento dessa técnica fotográfica com determinadas situações insólitas e comportamentos obsessivos, os quais fornecem indícios do que estamos nos tornando no seio de uma cultura do exibicionismo; noutras palavras, esses fatos denunciam os modos através dos quais as subjetividades contemporâneas são delineadas. Assim, notícias como **Jovem viciado em selfies tentou se matar por**

**não conseguir a ‘selfie perfeita’<sup>1</sup>, Jovem de 16 anos tem morte cerebral após fazer selfie e cair de uma altura de 20 m de altura<sup>2</sup>, Obama participa de ‘selfie’ no velório de Nelson Mandela<sup>3</sup> e Selfie pós-sexo é a nova moda de exibição<sup>4</sup>**, dentre outras alardeiam para um quadro no qual ser visto é um aspecto tão preponderante que acaba por sobrepujar a própria vida do sujeito e solapar situações ritualísticas. Além disso, a *selfie* escandaliza situações antes reservadas à esfera íntima, tal como atesta a prática da *selfie* pós-sexo no título da notícia anteriormente expresso.

A técnica da *selfie* – fotografia que alguém tira de si mesmo, em função das especificidades dos dispositivos eletrônicos, como os celulares com câmera frontal – popularizou-se há bem pouco tempo, embora esta palavra – junção do vocábulo do *self* (eu, a própria pessoa, em inglês) mais o sufixo *ie* – já venha sido utilizada desde o começo dos anos 2000. Em 2013, o dicionário *Oxford* incorporou a *selfie* como um dos mais recentes verbetes, e diversos veículos midiáticos elegeram esse termo como “a palavra do ano”. Nos domínios da *web*, a *selfie* encontrou um terreno fecundo, haja vista o exibicionismo que o ciberespaço reclama. Assim, numa pesquisa realizada num dos mecanismos de busca da *internet*, o termo *selfie* gerou mais de sessenta milhões de resultados<sup>5</sup>. De modo geral, esses resultados compreendem as próprias fotografias *selfie* ou discursos e fotografias digitais sobre a *selfie*. Tamanha repercussão incita-nos problematizar as condições de emergência desse discurso no âmbito de uma formação história demarcada pela exibição de si.

Para realizar a análise, aportamo-nos nos postulados teóricos de Michel Foucault e nas inflexões deste na Análise do Discurso francesa. Conforme demonstra o tópico a seguir, optamos por organizar teoria e análise num movimento contíguo, cientes de que isso não constitui um problema na constituição do gênero artigo científico, mas, antes uma escolha deliberada, em função das particularidades do objeto de análise.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://canaltech.com.br/noticia/saude/Jovem-viciado-em-selfies-tentou-se-matar-por-nao-conseguir-a-selfie-perfeita/>. Acesso em :26. jun. 2014.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/mundo/2014/06/14/302433/jovem-de-16-anos-tem-morte-cerebral-apos-fazer-selfie-a-20m-de-altura>. Acesso em: 26. jun. 2014.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2013/12/10/obama-participa-de-selfie-no-funeral-de-nelson-mandela-517733.asp>. Acesso em: 21. jun. 2014.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/instagram/53547--selfie-pos-sexo-e-a-nova-forma-de-autoexposicao.htm>. Acesso em: 13. jun. 2014.

<sup>5</sup> Essa busca foi realizada em agosto de 2014.

## Diferentes olhares sobre um mesmo objeto

No processo de constituição do *corpus* que ora analisaremos, seguimos pela bússola proveniente das abordagens foucaultianas em torno da questão do discurso. Para Foucault (2010), convém detectar as regularidades existentes num seio de um regime de dispersão enunciativa. De fato, os discursos sobre a *selfie* inserem-se no âmbito de uma dispersão, na medida em que apontam para diferentes lugares, fazendo ressoar uma legião de vozes e de posições enunciativas. Considerando aquilo que Foucault (2010) denomina de princípio de diferenciação, os discursos aqui analisados vão apontar, a despeito dos objetivos e das peculiaridades da cada gênero (tira, postagem de rede social e reportagem), para a construção de efeitos de sentido que concebem a *selfie* e as fotografias digitais, como objetos atravessados pelo perigo, sobre os quais é preciso tomar determinadas atitudes, mesmo que sejam no domínio de uma reflexão do sujeito leitor, de acordo com o que podemos averiguar na tira a seguir<sup>6</sup>.



Figura 1: Tira

Na tira anteriormente expressa, é possível entrever uma posição sujeito que sinaliza para as consequências danosas advindas de um desejo compulsivo em fotografar-se. Na materialidade visual, constata-se que os dois personagens da tira estariam viajando, haja vista a imagem do que seria a Torre Eiffel, no primeiro quadrinho. Ao admoestar o rapaz, censurando-o quanto à urgência em tirar *selfie*, a moça da tira comunga de um posicionamento discursivo que vê o uso exarcebado das tecnologias digitais como um vetor que catalisa uma série de problemas, como o desgaste na relação interpessoal, uma vez que o escapismo possibilitado pelo advento do digital incide de modo preciso na chamada vida real, desencadeando efeitos nem sempre produtivos. Convém admitir que esses discursos, aqui cotejados

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/>. Acesso em: 02. jan. 2015.

com o conjunto das coisas ditas (FOUCAULT, 2010), não raro, estão eivados por efeitos de sentidos relativos a um saudosismo de um período pré-digital, segundo o qual as relações interpessoais seriam mais consistentes, em função do contato face a face. Logo, a crítica da personagem da tira endereça-se justamente à perda dessa naturalidade, abruptamente substituída pela frieza e pelo distanciamento, comumente atribuídos às influências das tecnologias digitais.

O humor da tira aloja-se na resposta do personagem “Você acha que eu vou perder meu tempo aproveitando o momento”, quando criticado sobre seu comportamento em relação ao excesso de fotografias. Esse humor traz consigo tanto uma posição de crítica à necessidade do sujeito contemporâneo de ser visto e de mostrar-se, quanto toca, ainda que de relance, numa discussão bem mais complexa a respeito da eleição de prioridades das pessoas de hoje, quanto à distribuição do tempo. Desse modo, o foco da tira recobre esse olhar perscrutador em torno da cristalização de sentidos sobre a *selfie* e do modismo que essa técnica evoca, no seio da cultura da mídia (KELLNER, 2001), sugerindo, portanto, via discurso humorístico, uma dada preocupação com os desdobramentos das tecnologias na constituição dos sujeitos, mais especialmente no que tange aos prejuízos incididos sobre a questão da sociabilidade.

A materialidade a seguir foi coletada numa página do *Facebook*<sup>7</sup> e a posição sujeito nela inscrita coaduna com a discussão que ora desenvolvemos. Vejamos:



**Figura 2** Postagem do Facebook

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/VivaMais?fref=ts>. Acesso em: 20. jan. 2015.

A postagem supracitada partilha do posicionamento adotado na tira analisada, pois preconiza uma crítica ao exibicionismo, ou nos termos de Lipovetsky (2007), ao efeito dionisíaco, em que tudo pode ser captado pelo olhar das câmeras e, partir disso, espetacularizado nos mais diversos veículos da mídia. A postagem, ao fazer essa crítica, demarca ainda, na constituição verbo-visual do texto, uma certa de insensibilidade do sujeito contemporâneo em lidar com o sofrimento e a dor do outro (SONTAG, 2003). Dessa maneira, o auxílio indispensável numa situação de afogamento, por exemplo, é substituído pelo registro fotográfico desse acontecimento, a ser imediatamente midiaticado pelo fragor do espetáculo. A fotografia, inserida, portanto, numa situação outrora impertinente para esse registro, representa o fio que alinhava a fotografia digital, ou ainda a necessidade de aparecer, a um discurso de alerta, de cuidado. É como se a posição enunciativa perguntasse: **Em que estamos nos tornando, face à ânsia inadiável em ser visto?**

Se tomarmos essa postagem como um ponto de partida para pensarmos num acúmulo (FOUCAULT, 2010) de discursos em torno dessa questão, basta lembrarmos de uma série de notícias que circularam recentemente na mídia acerca de *selfies* tiradas em momentos historicamente destituídos do *glamour* do espetáculo. Pelo menos dois acontecimentos poderiam ser mencionados o funeral de dois homens públicos. Logo, tanto no rito fúnebre de Nelson Mandela, como no de Eduardo Campos – político e candidato à presidência do Brasil, vitimado num acidente aéreo – foram caracterizados pela explosão de fotografias *selfies*<sup>8</sup>. Nesse entremeio, fulgura-se toda sorte de dizeres que condenam tal prática, corroborando, pois, os posicionamentos adotados pelos sujeitos enunciativos nas duas materialidades analisadas. Situamos a *selfie* e o sujeito que se fotografa num movimento pendular corporificado no desejo de ser visto e na necessidade de frear essa exposição.

Para tanto, na reportagem a seguir<sup>9</sup>, cujos excertos serão examinados, é possível constatar, aparando-se no que Foucault (2001) entende acerca do saber

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,selfies-em-funeral-de-campos-recebem-criticas-na-internet,1545319>. Acesso em: 10. dez. 2014.

<sup>9</sup> Disponível em: [http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/06/11/noticia\\_saudeplena,148975/copa-das-selfies-a-moda-ja-foi-longo-demais-saiba-se-voce-tambem-s.shtml](http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/06/11/noticia_saudeplena,148975/copa-das-selfies-a-moda-ja-foi-longo-demais-saiba-se-voce-tambem-s.shtml). Acesso em: 15. jan. 2015.

que se faz visível, como podemos observar o funcionamento de um discurso de alerta em relação ao exibicionismo que a *selfie*, metonimicamente, evoca.

#### **Excerto 1**

Copa das 'selfies': a moda já foi longe demais? Saiba se você também sente os efeitos da exposição

Nos Estados Unidos, disseminação dos autorretratos é apontada como razão para aumento de intervenções no rosto e também nas mãos. Pressão constante nas redes sociais e aplicativos teria aumentado insegurança, principalmente em adolescentes e adultos jovens. Já os jogadores de futebol...

Se o seu nome é Neymar Jr. ou Cristiano Ronaldo e você tem mais de cinco milhões de seguidores no Instagram, é provável que sua máxima nas redes sociais seja: quanto mais selfies, melhor. Mais publicidade, mais fãs, mais promoção para o time e para as marcas que você representa. O Mundial do Brasil já está sendo chamado de 'Copa da selfie' nas redes sociais, mas há quem veja com ressalvas esse tsunami global. Entenda agora o porquê (ORLANDI, 2014, s.p.).

Alguns indícios da materialidade discursiva permitem-nos corroborar o modo como o sujeito enunciador se posiciona sobre aquilo que disserta. Em primeiro lugar, esse sujeito concebe a *selfie*, contextualizando-a com o período da Copa do Mundo, como uma moda, sobre a qual é preciso analisar com mais preocupação (“já foi longe demais”). Dando continuidade, a manchete insere-se numa posição a partir da qual é possível testar se o sujeito leitor também está afetado com o modismo em questão. Em segundo lugar, o sujeito enunciador, tomando o caso dos Estados Unidos como um exemplo, enumera dois efeitos advindos da necessidade de exposição na *web*, por meio da *selfie*: as intervenções cirúrgicas e a insegurança.

A partir destes efeitos, o sujeito direciona a discussão no sentido de apontar para um quadro problemático insurgido através da exposição por meio da *selfie* (“quantos mais selfies, melhor”) e, desse modo, anuncia o discurso de outros sujeitos que também se posicionam de modo contrário a onda exibicionista vigente (“há quem veja com ressalva esse tsunami global”). Vejamos nos excertos a seguir de que lugares estes sujeitos enunciam e que efeitos de sentido decorrem desses dizeres.

#### **Excerto 2**

“Se você não for magra e bonita, não há espaço para você no mundo.”. Estas foram as palavras de uma adolescente de 16 anos em uma sessão de terapia. A menina não está sozinha. A Academia de Plástica Facial e Cirurgia Reconstructiva dos Estados Unidos confirma que houve um aumento, nos últimos 12 meses, na procura

por cirurgias plásticas, em relação ao ano anterior – e o motivo seria a onda das ‘selfies’ – autorretratos postados nas redes sociais (ORLANDI, 2014, s.p.).

### **Excerto 3**

No caso do modelo Celso Santebañes, mais conhecido como o Ken brasileiro, uma declaração recente chamou a atenção de Fernanda - “quando estou triste, olho no espelho, aí não fico mais triste”, disse em entrevista na televisão. Aos 20 anos, ele já gastou R\$30 mil em cirurgias plásticas – nariz, queixo, peito. “O entrevistador questionou porque o rapaz não olhava nos olhos dele na entrevista. Ele disse que preferia olhar o monitor. É um sinal de desumanização”, exemplifica a especialista (ORLANDI, 2014, s.p.).

### **Excerto 4**

De acordo com um em cada três médicos entrevistados, o motivo para fazer a cirurgia era a pressão pela exposição 'perfeita' na internet. Segundo o presidente da Academia, Edward Farrow, a tendência significa que 'estamos cada vez mais narcisistas' e dispostos a quase tudo por uma beleza idealizada (ORLANDI, 2014, s.p.).

### **Excerto 5**

A psicóloga Fernanda Seabra, especialista em Terapia Familiar Sistêmica e integrante do Projeto Adolescer, foi a profissional que ouviu a frase que abre a matéria. Com aquelas palavras exatas. Ela aponta que o narcisismo, apesar de sempre parecer a explicação mais fácil nesses casos, realmente está inserido nesse contexto, mas não é o único argumento. “Parte dos usuários – não todos, é claro – vive no mundo virtual aquilo que não consegue viver na realidade. São pessoas em sua maioria carentes, com autoestima debilitada e que dependem de 'curtidas' e comentários para se sentirem bem, para terem a sensação de que são amados”, explica (ORLANDI, 2014, s.p.).

A reportagem põe em cena duas vozes: a dos sujeitos vitimizados pela obsessão em aparecer e a voz dos especialistas, munidos de um saber clínico que examina os discursos desses sujeitos, objetivando-os, fabricando-os no seio de uma relação de saber-poder (FOUCAULT, 2006). Assim, é relevante atentar para a ênfase conferida pelos sujeitos que confessam suas aflições em relação à aparência física (“se você não for magra e bonita, não há espaço para você no mundo”, “quando estou triste, olho no espelho, aí não fico mais triste”). Tal preocupação enlaça-se, num domínio associado (FOUCAULT, 2010), a uma série de enunciados que alude, com contornos arrojados, a chamada era do culto ao corpo, o que pressupõe um inquietante desprezo pelo organismo humano (SIBILIA, 2010), cujo



invólucro constitui um objeto de intervenção estética, conforme destaca a voz do especialista, quando associa o aumento no número de cirurgias plásticas à proliferação das fotografias de si (*selfies*) na *web*.

No que tange ao modo através do qual o sujeito enunciador mobiliza as vozes dos especialistas, vale frisar o efeito de verdade advindo da referência ao estatuto que o sujeito ocupa para falar (“especialista em Terapia Familiar Sistêmica e integrante do Projeto Adolescer”, “presidente da Academia”), do aspecto quantitativo, exato (“De acordo com um em cada três médicos entrevistados”) que, na constituição da tessitura do discurso midiático, alia-se a um saber institucionalizado acerca do objeto sobre o qual se disserta na reportagem. Em síntese, a exposição proveniente da *selfie* constitui um acontecimento que faz eclodir uma irrupção de discursos sobre a construção do sujeito na relação com a parafernália digital.

Essa construção ganha feições mais acentuadas, a partir do momento em que a reportagem enlenga, com base no saber clínico, os sinais de alerta, responsáveis por assinalar uma certa dependência do sujeito que se exhibe na *web*, por meio de fotografias alteradas constantemente (FLUSSER, 2011). Para tanto, a reportagem instiga o sujeito leitor a empreender uma torção sobre si, no sentido de avaliar e rever suas posturas na *internet*, principalmente no que diz respeito ao tempo despendido e à dificuldade de se ausentar da *web*; à preocupação exacerbada com a aparência física na hora de publicar fotos na rede, o que inclui o desejo de realizar procedimentos cirúrgicos; à ansiedade em relação ao número de visualizações e a repercussão de fotografias postadas nas redes sociais, dentre outros aspectos que tornam a ligação do sujeito com a *web* matizada pelo manto do perigo e, em última instância, do patológico. Essa posição do sujeito enunciador da reportagem delata as descontinuidades de planos de fala (FOUCAULT, 2010) a que o sujeito do discurso está suscetível, determinando, pois, os modos por meio dos quais o sujeito do discurso midiático agencia sentidos, na interface entre uma posição que informa o leitor sobre determinado problema (a exibição através da *selfie*) e outra voltada a orientar esse leitor a respeito de suas práticas cotidianas na *internet*.

## Considerações finais

**Mas primeiro deixa eu tirar uma selfie**  
**Tirar uma selfie**  
**Vocês podem me ajudar a escolher um filtro?**  
 [...]

**Eu só consegui dez “likes” nos últimos cinco minutos**  
**Você acha que eu deveria apagar?**  
**(The Chainsmokers)**

**Tecnologia é a resposta, mas qual era mesmo a questão?**, inquire um enunciado que ficou famoso na década de 1970 e, inclusive, foi título de um *audiobook* do arquiteto inglês Cedric Price. Esse enunciado torna-se propício, mais do que nunca, para especularmos acerca da condição do sujeito atual na relação com a tecnologia digital. A análise dos discursos que circulam na mídia pode configurar-se numa alternativa viável para tal empreendimento, na medida em que põe sob o exame as posições adotadas pelo sujeito que enuncia, cotejando-as com os lugares a que esse sujeito se filia, a fim de produzir determinados efeitos de sentido. Nesse ínterim, a análise aqui delineada ancora-se nessa assertiva, visto que julgamos conveniente eleger distintas materialidades discursivas advindas da mídia digital, as quais discursivizam o próprio digital, mais notadamente a exibição advinda das fotografias *selfies*.

O aparato teórico decorrente das reflexões foucaultianas possibilitou-nos pensar a irrupção dos discursos sobre a *selfie* como uma resposta a uma urgência histórica, incrustada nas elucubrações acerca da relação, nem sempre saudável, do sujeito com a tecnologia digital. Sem necessariamente demonstrar uma postura tecnofóbica, os discursos analisados pontilham determinadas situações, sobre as quais se lança um olhar que visa a detectar comportamentos obsessivos derivados do desejo de se expor na *web*. As posições de sujeito que atravessam as materialidades analisadas vão apontar para essa constatação, pois tanto na tira, como na postagem do *Facebook* e, em maior grau, na reportagem, as fotografias *selfies* são construídas como um objeto marcado pelo espectro do perigo, cujas similitudes foram apontadas num estudo anterior (SILVA & BARBOSA, 2014). Justamente porque representam o perigo da exposição e todo um corolário responsável por tornar os sujeitos apáticos nas relações interpessoais (tira), insensíveis (postagem), dependentes do digital (reportagem), as fotografias, de

acordo com as posições analisadas, precisam passar pelo crivo de um olhar atento e perspicaz do sujeito que se fotografa.

## Referências

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011. (Coleção Comunicações).

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. 1977 – Poder e Saber. In: \_\_\_\_\_. **Estratégia, poder, saber**. Trad. Vera L. Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos, v.IV).

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

KELLNER, D. **A cultura da mídia** – estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumismo. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORLANDI, L. **Copa das 'selfies'**: a moda já foi longe demais? Saiba se você também sente os efeitos da exposição. Disponível em: [http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/06/11/noticia\\_saudeplena,148975/copa-das-selfies-a-moda-ja-foi-longo-demais-saiba-se-voce-tambem-s.shtml](http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/06/11/noticia_saudeplena,148975/copa-das-selfies-a-moda-ja-foi-longo-demais-saiba-se-voce-tambem-s.shtml). Acesso em: 12. jan. 2015.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (Org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papyrus, 1997.

ROSE, L. Selfie é a nova maneira de expressão. E de autopromoção. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/selfie-e-nova-maneira-de-expressao-e-autopromocao/>. Acesso em: 03. Jan. 2015.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. Trad. R. Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobre la fotografía**. Trad. Carlos Gardini. Cidade do México: Santinllana Ediciones Generales, 2006.

SIBILIA, P. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FILHO, J. F. (Org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FVG, 2010.

SILVA, F. V.; BARBOSA, M. S. F. O perigo mora na tela: discursividades sobre o digital na mídia, **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 12, n.3, set./dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2014.123.06>. Acesso em: 22. jan. 2015.

THE CHAINSMOKERS. **#Selfie**. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/the-chainsmokers/selfie-traducao.html>. Acesso em: 23. jan. 2015.

Recebido em 03 de fevereiro de 2015

Aprovado em 15 de abril de 2015